



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

A MEMÓRIA DA CIDADE EM *HOTEL ATLÂNTICO*

Elisandra Pereira dos Santos Reis (UESC)
elisandra.reis@hotmail.com

Resumo: A imagem de cidade se configurou na memória dos sujeitos urbanos, notadamente a partir do século XIX, como forma fixa e conceitualmente delimitada. Propagou-se a idéia de que viver na urbe pressupõe usufruir de uma vida de facilidades, uma vez que a cidade sempre foi considerada como o lugar do progresso e por isso, do melhor. Na pós-modernidade, essa concepção cidadina passa a ser contestada e reinventada por meio da representação, nos textos literários da época. Em *Hotel Atlântico*, João Gilberto Noll apresenta a cidade em seus traços dramaticamente conflitantes, através de registros que são sugeridos e sentidos, muito mais que definidos. Este estudo investiga, numa perspectiva comparativista, o topos real/imaginário de cidade na obra *Hotel Atlântico*, de João Gilberto Noll, verificando como se dá o estatuto da representação cidadina nesse texto literário, partindo de uma concepção sensitiva de cidade e do sujeito urbano, frente à estrutura social proposta e argüida pela pós-modernidade. Durante a pesquisa, percebe-se o construto de memória no processo de recriação da cidade na ficção de Noll, viabilizando leituras pós-modernas de cidade, de memória e de identidade do sujeito. A pesquisa perpassa pelas teorias referentes ao estatuto da representação, à cidade, à memória, ao contemporâneo, sobretudo aos estudos críticos da cultura.

Palavras-chaves: Cidade. Memória. Identidade. *Hotel Atlântico*. Pós-modernidade.

Introdução

Tem-se uma concepção mental sobre a estrutura concreta de cidade, compatível com um esquema básico e funcional, que se supõe poder ser preenchido por todas as cidades: um espaço habitacional cujo “modelo padrão” comporta prédios, repartições públicas e privadas, escolas e tantos outros aparelhos ideológicos do Estado, indústrias, comércio, serviços, grupos sociais organizados, políticas públicas e assim por diante.

A concepção de cidade enquanto um lugar que pode proporcionar uma forma de vida “singular e cômoda” não se mantém. O espaço urbano, onde tudo tem seu lugar, função, tempo e modo, numa “harmonia” capaz de ceder espaço à monotonia e ao tédio, também se distancia da realidade. A imagem de uma comunidade urbana tranqüila, constante da figura de um líder grupal, o qual “se ocupa” de gerir as questões de

“interesse coletivo”, por meio do próprio olhar, perpassou pela memória de alguns e já não existe mais.

Essa descrição citadina é compatível com a cidade moderna do século XIX, onde, segundo Benjamin (1994, p. 34), “tudo passava em desfile [...] dias de festa e dias de luto, trabalho e lazer, costumes matrimoniais e hábitos celibatários, família, casa, filhos, escola, sociedade, teatro, tipos, profissões”. A calma percebida na descrição desse espaço urbano ficou para trás.

Na cidade pós-moderna, há muitos questionamentos que teimam em borrar a imagem do tão perfeito quadro pintado na memória coletiva dos sujeitos no século XIX e que, se encontradas as respostas para eles, se ao menos eles forem fomentados, darão conta de viabilizar leituras contemporâneas de cidade, de memória e de identidade do sujeito, diferentes da que se tinha e já não se sustenta frente à realidade das metrópoles.

Esses questionamentos costumam apresentarem-se em duplos, com características de pólos opostos, ao que se pode chamar de dicotomias urbanas: a cidade é o lugar do coletivo ou do individual? Do perto ou do longe? Do fácil ou do difícil? Das soluções ou dos conflitos? Das respostas ou das perguntas? Dos encontros ou desencontros? Dos ganhos ou perdas?

De antemão, fica evidente que cidade é lugar de múltiplos conflitos. Na contemporaneidade, a cidade é vista com uma sensibilidade especial que traduz múltiplas expressões ao mesmo tempo em que é traduzida. Os registros concretos ou simbólicos que a cidade vai deixando enquanto ela acontece são muitos e muito distintos. Todas as “mídias” são utilizadas, todos os sujeitos são co-autores, em todos os minutos, horas, dias, há registros sutis e dinâmicos, porque a cidade é viva e nunca está plenamente dormindo ainda que se canse.

Noll apreende cidade enquanto experiência sensitiva, ora da acessibilidade ora do inacessível, mas sempre como um espaço de mobilidade, de fluidez, de registros e memórias afetivas, mais do que de construções concretas, limitadas geograficamente. Ou seja, em Noll, como de fato é na cidade pós-moderna, a cartografia citadina fala de muito mais do que de um espaço geográfico; fala de sensações, de uma postura multicultural que a cidade requer e impõe.

Partindo desse pressuposto, este artigo apresenta as considerações de uma investigação feita, numa perspectiva comparativista entre topos real/imaginário de cidade (GOMES, 1994) a partir da ficção de João Gilberto Noll. Nessa pesquisa, questionou-se o estatuto da representação no texto literário, na pós-modernidade (SILVA, 1999), bem como a capacidade da memória como processo estruturador da narrativa (HALBWACHS, 2006; BOSI, 1994). Acredita-se que a leitura dessa narrativa viabiliza a concepção e a caracterização da memória da cidade, bem como dos sujeitos que a constituem, na condição pós-moderna (HALL, 1999).

1 Sinais de cidade em *Hotel Atlântico*

A cidade é um símbolo capaz de comportar a racionalidade geométrica e o emaranhado das existências humanas, afirma Gomes (1994) citando Ítalo Calvino em *As seis propostas para o próximo milênio*. Tomando essa idéia de cidade como ponto de partida, segue uma exposição dos sinais de cidade encontrados em *Hotel Atlântico*, ficção de João Gilberto Noll. Ressalta-se, portanto, que os sinais de cidade aqui referenciados são constituídos por elementos concretos e comportamentais que constituem o cenário citadino da contemporaneidade.

Hotel Atlântico é uma obra narrada em primeira pessoa, por um sujeito tipo da cidade pós-moderna: desprendido, desenraizado, aventureiro, sem vínculo e sem

memória. Inicia a narrativa falando de um drama que presencia quando chega a um hotel, no Rio de Janeiro. Enquanto fala sobre o ocorrido, dá sinais concretos e sensitivos do construto citadino na contemporaneidade.

Subi as escadas de um pequeno hotel na Nossa Senhora de Copacabana, quase esquina da Miguel Lemos. Enquanto subia ouvi vozes nervosas, o choro de alguém. De repente apareceram no topo da escada muitas pessoas, sobretudo homens com pinta de policiais, alguns PMs, e começaram a descer trazendo um banheirão de carregar cadáver. (NOLL, 2004, p. 9)

O primeiro de tantos outros dramas urbanos vivenciados ou vistos pelo protagonista-narrador da obra é no Rio de Janeiro, conforme já mencionado; isso fica confirmado pela descrição, na citação acima, que pontua o lugar: “Nossa Senhora de Copacabana, quase esquina da Miguel Lemos.” Mas a percepção da cidade não se dá apenas por esta pista; o contexto citadino se mostra também pela dinâmica que envolve os sujeitos urbanos; sente-se o clima tenso que paira na cidade, a sensação de insegurança, de pavor, de tristeza; o conflito entre vida e morte, o movimento que permeia a atmosfera do lugar. Nesse contexto, “as vozes são nervosas”, há mortes e choros anônimos; e pode-se dizer que esses traços atitudinais ou comportamentais também são elementos reais constitutivos da cidade, na condição pós-moderna.

Outra presença que agoniza o cenário da cidade é o trânsito. Causador de estresse, conflitos, polêmicas, acidentes, desconforto, atrasos, etc. Na cidade, o personagem narrador diz que “a buzina do carro é nervosa”, como se tentasse personificá-la, na tentativa de dizer que nesse ambiente, nada nem ninguém está a salvo de ser contagiado pela tensão. Esse sujeito segue dizendo que “no fundo de tudo há o rumor abafado de Copacabana” (NOLL, 2004, p.16) Esse rumor abafado pode ser visto como antítese do silêncio, sossego e tranquilidade que a cidade não comporta mais em si mesma, por conta da dinâmica que a permeia.

Dinâmica é outra palavra de ordem nessa leitura de cidade para além da cartografia geográfica. “Havia muitas filas diante dos guichês. Muita gente passava. Muitos sentados nos bancos. Um homem e uma mulher se beijavam despidos dentro de uma lanchonete. De uma farmácia um homem saía olhando as horas”. (NOLL, 2004, p.21). Pessoas, comportamentos, atividades e espaços diferentes, constituem a história e a memória da cidade. Há os que param e os que passam; os que namoram, os que se casam e os que se separam; os que entram e os que saem, etc. Isso, nas ruas, nas casas, nas praças, lanchonetes, farmácias, guichês, dentre tantos outros lugares simbólicos que falam da constituição da cidade.

Sujeito e cidade estão imbricados nesse processo constitutivo, configurando uma via de mão dupla na qual o sujeito é constituído pela cidade, e a cidade é constituída pelo sujeito; logo, a memória da cidade perpassa pela memória do sujeito citadino, do mesmo modo em que a memória do sujeito é nutrida pela memória da cidade.

O desaparego a toda e qualquer forma de fixidez, de passado e de memória é bem justificado pela inquietude e pela pressa do sujeito urbano, aspectos que também são representados em *Hotel Atlântico*:

Uma contagem regressiva estava em curso, *eu precisava ir*. Sabia que dentro de mim eu represava um desespero porque daqui há pouco *eu precisa ir*. Recorrer a alguém seria o mesmo que ficar, e *eu precisava ir*. Ali, parado à porta do hotel eu sentia uma vertigem. Uma névoa na

vista, me faltava o ar...Mas *eu precisava ir*” (NOLL, 2004, pp.13,19)
[grifo nosso]

A mobilidade da cidade e do sujeito mostra-se como uma necessidade, pontuadas no texto literário pela expressão “eu precisava ir”, que é repetida várias vezes, ora com variações como “eu fui em frente”, “tinha chegado a hora de eu partir”. Na ficção como na cidade contemporânea real, não há a opção de parar ou voltar; precisa-se ir. Não se sabe ao certo para onde, quando, como, fazer o quê... Aliás, “certo” é uma palavra sem lugar nesse cenário móvel, fragmentado e múltiplo. Flexibilidade e questionamento são as posturas percebidas no contexto da cidade contemporânea.

Por mais contraditório que possa parecer o uso da palavra “certo”, na condição pós-moderna, uma vez já comentada a falta de propriedade para o uso dela nesse contexto, aqui ela aparece para dizer que alguns dos poucos aspectos quase sempre “certos” na vida desse sujeito que não fixa raízes são a indiferença e a solidão: “Muitas pessoas passavam pela Nossa Senhora de Copacabana como todas as manhãs, algumas roçavam em mim, batiam sem querer, tossiam...” (NOLL, 2004, p.19) e prosseguiram; não se deixavam parar, perceber o outro, numa indiferença geradora da solidão que é relatada na voz desse sujeito, quando diz: “Às vezes parava diante de uma banca, perguntava o preço de alguma coisa só para ouvir um pouco a minha voz” (NOLL, 2004, p.34). O homem vive o extremo de apressar um produto só pra ouvir a si mesmo sem estar falando sozinho; falta-lhe companhia, amigos, colegas, parceiros, sente-se sem par. Essa é a perspectiva que se mostra aos sujeitos da cidade contemporânea e capitalista. O estímulo à competitividade re-afirma o individualismo, a indiferença e a solidão, enquanto nega a solidariedade, a cooperação e a humanização do sujeito.

2 A memória da cidade e o estatuto da representação

As formas pelas quais o “real” se torna “presente”, ou seja, é *representado* aos sujeitos contemporâneos, são discutidas na perspectiva pós-estruturalista, como sendo diretamente relacionada ao que se conhece sobre esse “real”. Segundo Silva (1999), quem está autorizado a conhecer o mundo, está autorizado a representá-lo.

No cenário pós-moderno, fala-se então da “crise” da representação, advinda da proliferação incontrolável de signos e imagens, que leva à constatação de que já não há referentes; logo, o espaço contemporâneo está repleto de simulacros: representações de representações. Acorda-se também, para a constatação de que no simulacro já não há representação, e sim um reino da hiper-realidade (SILVA, 1999).

Infere-se, portanto, que por meio do estatuto da representação é possível instaurar-se o que se pode chamar de “outra realidade”. O texto literário pós-moderno utiliza o cenário das multiplicidades e por meio do discurso ficcional inscreve outra concepção do real.

Bosi (1994) diz que Halbwachs amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva da sociedade. Compatível com a configuração da cidade contemporânea é a memória individual ou coletiva dos sujeitos cidadãos: incerta, fragmentada, questionada, negada e por isso sem lugar, inexistente. A cidade é constituída por sujeitos “desmemoriados”, assim como os sujeitos são constituídos por essa cidade reciprocamente sem memória.

Em *Hotel Atlântico*, a memória é presentificada pela ausência, pela fuga e pela negação. Os personagens, do principal a alguns adjuntos, se mostram, intencionalmente, distanciando-se de suas “bagagens” identitárias e consecutivamente das memórias vividas. Sobre isso o protagonista-narrador fala: “Quando senti que ele ia perguntar o

lugar do meu nascimento, onde eu vivia, falei que eu era vendedor. Que na minha profissão eu andava por este país todo” (NOLL, 2004, p.32). Assim ele segue na vida, se apresentando falsamente, ou seja, negando ou omitindo sua real identidade, tentando se reinventar. Esse jogo é vivenciado pelos sujeitos da cidade contemporânea real, cujos valores inerentes à competitividade capitalista do contexto os impulsionam a uma incansável reinvenção de si mesmo, rumo à aceitação social que tanto se busca.

Para esses cidadãos só o presente lhes importa; nada carregam, não têm certezas, vidas regulares, moradas fixas, família, vínculos; já não são cartesianos, preferem esquecer. Quando alguém insiste em tentar lembrá-los de algo, assim como em Noll, o sujeito, abana a cabeça e diz: “Não é meu”. Adiante o personagem de *Hotel Atlântico* re-afirma essa falta de bagagem dizendo: “Eu não guardo nada comigo”. E ele não é ímpar quanto a essa postura no cenário pós-moderno; a mulher com quem ele conversa o responde dizendo: “É o que eu vou começar a fazer. Não vou guardar mais nada comigo” (NOLL, 2004, p.48).

Na ficção ou na realidade, essa atitude é uma constante. Não se sabe ao certo se esses sujeitos não têm bons construtos de memória ou se preferem valorizar sempre o presente em detrimento do já vivido. Frente à multiplicidade do cenário contemporâneo na cidade, as identidades são múltiplas, reinventadas, negadas, omitidas, irreais, desconstruídas.

Na trajetória de vida do sujeito, fictício como real, chega um momento em que ele é fortemente confrontado, seja por outro, por si mesmo ou por situações vividas; porque sempre se marca de alguma maneira a memória de alguém, ainda que seja pela omissão, pelo não-comum, pelo esquisito. O sujeito assinala sua passagem na história social, pelo “simples” fato de existir e de ser um ser histórico. Na narrativa, esse momento chega para o personagem diante de uma fragilidade física, quando um enfermeiro se aproxima e lhe entrega sua carteira. O personagem, mais do que nunca, desmemoriado, diz: “Eu nem me lembrava mais dela. Dentro havia algum dinheiro e o meu documento de identidade” (NOLL, 2004, p.77). Identidade sempre oculta ao leitor, que, no máximo, consegue saber sua origem, nunca seu nome: “Eu nasci e vivi até os meus vinte anos em Porto Alegre. Nunca mais voltei” (NOLL, 2004, p.79). Evidenciando seu distanciamento do que efetivamente é sua raiz originária, seu berço, sua terra mãe.

Adiante, nas cidades afora, o personagem de *Hotel Atlântico* é reconhecido pelo que fez, e isso ele não consegue negar: “Você não é o artista daquele filme *O homem que queria ser Deus?* Sou sim – respondi.” (NOLL, 2004, p.40).

“O careca chegou ao meu ouvido e disse que era o cirurgião de Arraiol. Que a sua filha de dezoito anos desde os dez era devota devoradora das revistas que contavam as histórias dos artistas de novela, que ela tinha me reconhecido” (NOLL, 2004, p.75).

O artista; é assim que o personagem é reconhecido, é lembrado pela sociedade. Não se fala do seu histórico pessoal, humano e de cidadão. Ele ficou na memória de alguns pelo papel social que desempenhou. Assim como no contexto real contemporâneo, o sujeito cidadão é mencionado, lembrado e reconhecido como construto da memória da cidade, a partir dos rótulos relativos ao seu fazer social.

Nessa obra, o autor constrói uma mostra cidadina compatível com a cidade real em qualquer localização geográfica, em qualquer nação, na condição pós-moderna. O próprio protagonista-narrador afirma: “A coisa me saiu assim, como poderia ter saído para qualquer outra direção geográfica.” (NOLL, 2004, p.35).

3 A identidade do sujeito cidadão na pós-modernidade

Uma narrativa cujo título referencia a um hotel; o lugar de onde o narrador fala é de um hotel, não do Hotel Atlântico, mas de um hotel; lugar de passagem, de acolhidas temporárias, impessoal, rotativo, de todos quantos queiram, quantos passem, quantos estejam distantes do seu lar. O hotel pode ser visto exatamente como contrário à fixidez do lar; não se constuma morar neles.

O que dizer sobre a identidade de um sujeito cuja trajetória é narrada do início ao fim em hotéis? Ninguém será capaz de saber quem ele é, de onde vem, o que faz, porque chega ou sai de onde está. A princípio os cadastros de hospedagem poderiam dar conta dessa identificação, mas sabe-se bem que eles podem, com muita facilidade, serem burlados. Um exemplo disso está claramente posto na ficção de Noll, em análise; o protagonista, como que fugindo de si mesmo, de compromisso, de vínculos de responsabilidades, procura não deixar “rastros”, reinventando-se por onde passa, apresentando-se com identidades variadas, a depender de onde está e do que quer alcançar.

Seu jogo de reinvenções de si mesmo é posto em cena, em detrimento do que seria sua identidade real. “Preenchi a ficha do hotel, estado civil casado – e imaginei uma mulher me esperando num ponto qualquer do Brasil, e divaguei que ter essa mulher me esperando poderia atiçar a curiosidade da moça da portaria sobre mim” (NOLL, 2004, pp.10-11). Adiante, numa viagem rumo a Florianópolis, uma mulher chamada Susan, sua vizinha de acento, pergunta-lhe se ele é poeta, ao que ele responde: “Ator desempregado”. (NOLL, 2004, p.27). Ainda durante essa viagem, numa parada do ônibus, um homem se aproxima, fala sobre si ao protagonista de *Hotel Atlântico* que ao sentir que seria perguntado acerca da sua identidade, logo disse que era vendedor; outra invenção identitária que lhe saiu.

No contexto da pós-modernidade, a “identidade” do sujeito dá lugar a “identidades”, é pluralizada. Hall (1999) fala desse descentramento do sujeito cartesiano como sendo um movimento concreto, por meio do qual uma mesma pessoa pode ora utilizar-se de uma identidade, ora de outra. Essa identidade é ideológica, vivida, sentida, construída culturalmente nos espaços sociais dos quais o sujeito é parte. Ela é percebida da mesma maneira fluida e indefinida como é percebida a cidade. Cidade e sujeito se complementam e se constituem. Para cidade aberta, bipartida e móvel, está o sujeito incerto, sem memória, detentor de identidades múltiplas, portanto, descentrado.

Nota-se que, na contemporaneidade, ficou bem longe o orgulho que o cidadão ostentava por “ser o que é”. Agora ele é múltiplo, é o que interessar ser, o que for mais conveniente, ainda que essa conveniência seja passageira, que não lhe traga uma real satisfação, que ele se debata com vários questionamentos: “Quem sabe eu fico, desisto? Quem sabe eu me caso com a melindrosa da portaria? Quem sabe me contento na companhia de uma mulher?” (NOLL, 2004, p.18). O homem pós-moderno vive a angústia da incerteza; o suposto excesso de liberdade é um dos fatores que o descentra, o faz sentir-se sem norte, fluido, em conflito consigo mesmo.

Além dos tantos questionamentos que bombardeiam o sujeito da pós-modernidade, o ritmo da vida que ele leva o faz experimentar momentos de reflexão, tristeza e constrangimento. Na narrativa de Noll, em um dado momento da sua trajetória o protagonista-narrador, dirige-se ao motorista de um taxi que o conduz demonstrando sofrimento e vergonha de si mesmo:

- Perdão – eu pronunciei cheio de súbita vergonha.
- Perdão do quê, cara? – ele falou.
- Perdão por eu ser quem sou. (NOLL, 2004, p.20)

Contrariando a idéia que se tem sobre quem vive tão grande liberdade, ele era insatisfeito consigo mesmo, com sua real situação, por apresentar-se com tantas identidades e não sentir-se ninguém; pelo menos ninguém de quem pudesse se orgulhar. Sem ter a quem dar satisfação, sem vínculo de família, de emprego, de atividades regulares, sem nada que o prendesse, o fizesse olhar para trás, ele seguia, inventando motivos para seguir em frente, não parar antes da hora.

O personagem segue viajando, enfrentando perigos, incertezas, pessoas e situações estranhas, dramáticas, conflitantes; fugindo, caindo, levantando, sempre precisando encontrar um quarto para dormir, um lugar para o abrigar, até que por um acidente tem uma perna amputada e vê-se parado em um leito. Na narrativa, essa amputação de uma das pernas do protagonista representa as intempéries da vida desse cidadão citadino, agoniado, apressado, irrefreável; em um dado momento algum vendaval surge para desacelerá-lo, fazê-lo pensar, ponderar-se, voltar a si mesmo.

Depois de um pouco recuperado, ele encontra um jeito de voltar às origens, recuperar fagulhas de memórias, por tanto tempo renegada. Decide voltar a Porto Alegre, como quem busca fechar um ciclo. Onde tudo havia começado para ele, onde nascera, seria onde encerraria sua trajetória de vida. Segue dizendo: “Encontramos um hotel. O hotel se chama Atlântico.” (NOLL, 2004, p.104) A sensação de estar em sua cidade natal é diferente de toda e qualquer sensação que ele havia experimentado em tantos hotéis na sua vida, mesmo com a impessoalidade própria de um hotel, ele diz: “Tirei o casaco, não que me sentisse acalorado, mas só pelo prazer de jogar o casaco sobre a cama que eu ia dormir, como se estivesse em casa. *Eu realmente me considerava em casa pela primeira vez, depois de tanto tempo*”. (NOLL, 2004, p.106) [grifo nosso].

Essa declaração feita pelo protagonista-narrador, referente ao sentir-se em casa pela primeira vez depois de tanto tempo, soa como um suspiro de alívio e satisfação; como se ali, naquele lugar, ele tivesse vivenciado um “prazeroso” encontro dele com ele mesmo, com suas marcas identitárias reais, como se tivesse se achado, recuperado o norte, ainda que restando-lhe poucos momentos. Ele parece reconhecer que de tudo que ficou das suas reinvenções identitárias, foi a realidade da qual ele tanto fugiu.

A mobilidade identitária do sujeito, na pós-modernidade, vivenciada pelo personagem é um fato para os sujeitos citadinos reais e pode ser benéfica, se utilizada de forma moderada, racional, humana e consciente, mas pode também ser ridícula e irônica, se utilizada de forma demasiada e alienadamente. Se o sujeito não se esforçar em acordar para si mesmo, reencontrar-se onde quer que esteja e se posicionar frente às imposições do sistema capitalista e pós-moderno, será sempre uma peça no jogo do contemporâneo.

Considerações finais

A comparação real/imaginário de cidade na obra *Hotel Atlântico*, de João Gilberto Noll, realizada por meio dessa pesquisa, deram conta de mostrar como se dá o estatuto da representação no texto literário, na pós-modernidade, bem como viabilizaram a percepção da capacidade da memória como processo estruturador dessa narrativa. De fato, a leitura desse texto literário viabiliza a leitura da memória da cidade, bem como dos sujeitos que a constituem, na condição pós-moderna.

A memória do sujeito tem plena compatibilidade com esse contexto urbano. É descentrada, bipartida, fluida, solta, desvalorizada, pouco existente. Em Noll, o sujeito é mesmo, sem memória. Poder-se-ia dizer que se trata de um “neo-sujeito” e uma “neo-

cidade”, numa perspectiva em que ambos se misturam e se complementam de forma extremamente recíproca na concepção sensitiva de sujeito e cidade aqui apresentadas.

A discussão realizada nesse trabalho reafirma a perspectiva de que a cidade contemporânea é constituída pelos registros das memórias coletivas e afetivas, é um espaço ideológico e cultural; o lugar dos paradoxos, dos opostos, a exemplo da aglomeração e o isolamento, do claro e do obscuro. Mas ainda assim, é alvo de desejo, de curiosidade e mistérios.

A pós-modernidade tanto questionou a cidade moderna, que a levou a passar por um processo de reinvenção. A leitura da memória dessa cidade reinventada se dá por traços, pistas da sua existência, que são constituídas tanto por marcos estruturais, como transcendem a isso apontando para marcos comportamentais, atitudinais, relativos à dinâmica desse urbano.

A cidade resultante dessa reinvenção não está apenas representada nos textos literários; ela é reconhecida nos registros reais das grandes cidades contemporâneas e é percebida pelo sujeito pós-moderno, enquanto é vivida e sentida no contexto das dinâmicas cotidianas. Logo, cidade ficcional e cidade real se fundem, se misturam e se representam reciprocamente. Partindo dessa concepção sensitiva de cidade, Borges (2008) é coerente ao considerar “todas as cidades, a cidade”.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III – Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: Literatura e experiência urbana, Literatura e Ficção, Crítica e Teoria Literária**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

HALBWACCS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

NOLL, João Gilberto. **Hotel Atlântico**. São Paulo: Francis, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autentica, 1999.